
Retorno às origens

(26/07/1995)

Nair Lacerda

Colaboradora

Positivamente, é uma satisfação ter leitores. Gente que se identifique, ou não, que nos lança elogios ou nos critica, que faz perguntas indiscretas sobre nossa vida pessoal, que exige “tomada de posição” em assuntos mais ou menos explosivos, que nos lê, enfim, e se dá ao trabalho — coisa rara em brasileiros — de dizer o que pensa do que leu.

É evidente que não se faz possível tratar de todos os assuntos que nos sugerem. Afinal, a crônica é algo sem compromisso, bate-papo informal, comentário desprezioso, embora, às vezes, levados que somos por um surto de revolta, ela traga certa veemência, o que prova, apenas, que o cronista é tão vulnerável como qualquer outra pessoa, sujeito, portanto, a perder as estribeiras, de vez em quando.

Agora, por exemplo, tenho aberta diante de mim uma cartinha muito engraçada. “Mocinhas” — é como

assinam, se assim se pode dizer — querem saber o que penso do topless. Minhas queridas, eu nada penso, pois não é possível pensar sobre nada. Se o “top” deixa de existir, como pensar nele? O que penso é que cada qual tem, sobre a própria anatomia, sua própria impressão. Quem acha que vale a pena exibi-la, exhibe-a. Aliás, meninas, é tratar de exibi-la já e já, porque o tempo é um senhor malvado, que não respeita anatomia alguma. E vocês devem convir, roupa pode ser coisa incômoda, e, pelo jeito, até anacrônica, mas esconde, misericordiosamente, muita ruína, disfarça muita feiúra.

Também tenho aberto diante de mim um volume de enciclopédia. Acontece que há uma gravura na página que estou consultando. Mostra duas lindas jovens negras, altas, porte hierático, rosto sério, ar de grande dignidade. Pertencem à tribo Yukunkun, da antiga Guiné Francesa. Usam uma espécie de saia cruzada que chega pouco abaixo dos joelhos, trazem os cabelos arranjados

em trancinhas, que, por sua vez, são enroladas numa espécie de rodilha, no alto da cabeça. Estão topless, e podem estar, sem receio. Usam uma série de bonitos colares, bem como pulseiras e brincos. Mostram-se, como já disse, lindas. E se deixaram fotografar até com certa altivez de atitude, pois que se mostram tal como sua cultura as fez e seus hábitos ancestrais exigem.

Penso que vocês poderiam, “Mocinhas”, lançar uma proclamação: o retorno às origens. Ora, nossa origem estando 99% na índia nativa e na negra importada, eis que o “topless” ficaria amplamente justificado. O perigo está em que para dar validade a esse retorno, seria necessário voltar também àquela vida em que as Iracemas e os Peris erravam pelas matas, o que não parecerá nada agradável às Iracemas e Peris desta época. Uma ressalva: as moças Yukunkun, pelo visto, não usavam tanga. Outra anotação: as trancinhas africanas já estão na moda. Não é um bom começo?